

REBECA GUSMÃO: VIGIADA, PUNIDA E EXAMINADA

Elyandra Caroline Alves de Souza¹
Kauê Fabiano da Silva Queiroz
Paola Caroline Silva Azevedo
Tiago Dimitrow Zanlorenzi
Ana Cláudia Kapp Titski

Resumo

Artigo desenvolvido a partir de uma pesquisa de fontes históricas e bibliográficas sobre o caso de dopagem envolvendo a nadadora Rebeca Gusmão, que teve uma grande repercussão na mídia nos anos de 2007 e 2008. Foi utilizado como principal referencial a obra de Michel Foucault, “Vigiar e Punir”. Com seus dispositivos foi possível analisar toda a rede de controle e poder que envolvem as confederações, a mídia e o público.

Palavras-chave: Dopagem; Poder; Natação

DO OURO AO DOPING: MUITA NOTÍCIA E ESPECULAÇÃO

Em julho de 2007 a nadadora Rebeca Braga Lakiss Gusmão, na época com 23 anos, protagonizou uma cena inédita no meio esportivo do nosso país: foi a primeira mulher brasileira a conquistar o ouro na natação em Jogos Pan Americanos. A imprensa tornou visível a historicidade do fato, enfatizando a quebra do recorde.

O condicionamento físico e o desempenho de Rebeca foram equiparados ao de atletas de grandes equipes de natação, como os Estados Unidos da América e a Austrália, e durante a edição do Pan, que foi sediada no Rio de Janeiro, não houve nenhuma correlação noticiada na mídia, entre a atleta, seus resultados e qualquer possibilidade de fraude. Uma das notícias que foi divulgada dizia:

“Rebeca Gusmão leva 1º ouro feminino do Brasil nos 50 m livre” (site da UOL no PAN 2007, em 18/07/2007 as 10h21).

Essa dúvida somente se instaurou entre os mais variados veículos de comunicação após Rebeca sofrer uma crise respiratória, durante a participação em uma das provas do Troféu José Finkel, menos de um mês após ter ganhado duas medalhas de ouro. A coordenadora do *Antidoping* da CBDA, Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos, Dr.^a Renata Castro, divulgou oficialmente à imprensa que o motivo do desmaio da nadadora, foi a combinação entre um grande esforço para vencer e a ingestão de um sanduíche estragado. O que foi logo contrariado pela mídia, conforme publicou o Jornal O Estado do Paraná, no dia 09 de novembro de 2007:

“Surpresa no caso Rebeca”

E pouco tempo bastou para se comprovar que tudo não era tão simples assim, a FINA, Federação Internacional de Natação, pressionada pela mídia, que buscava a todo o momento comprovar a dopagem de Rebeca, revelou resultados do exame *antidoping*

¹ Acadêmicos - CEMEDEF-UFPR

realizado na abertura dos jogos Pan Americanos do Rio, em 13 de julho de 2007. Os exames comprovaram altos índices de testosterona e foi aberto inquérito para verificar se era devido ao uso de algum tipo de esteróide anabolizante. Neste momento, toda a repercussão positiva que Rebeca havia conquistado, caía por terra. Os jornais que há pouco tempo publicavam fotos da atleta com suas medalhas, passaram a apontá-la como alguém que burlou as convenções, uma pessoa desonesta. Um exemplo do que foi dito na imprensa acerca desse fato, é o que noticiou o Jornal Folha de São Paulo, no dia 06 de novembro de 2007:

“Gigante do Pan é suspensa por doping”

Ainda não havia uma completa certificação a respeito da atitude antidesportiva de Rebeca Gusmão diante dos fatos e circunstâncias que surgiam. Mesmo assim, a mídia já ressoava as informações que, até então, deveriam ser sigilosas. É nesse contexto que emergem as questões-problema desta pesquisa: é ético tornar ‘oficial’ e divulgar dados que ainda são hipóteses? Seria correto apropriar-se de dados que estão sob estudo para, em nome do sensacionalismo, comercializar notícias?

Um estudo apresentado no *V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom*, de autoria do Prof. Dr. Luciano Victor Maluly, aborda a interferência da mídia na vida do atleta:

A mesma substância que estimula nas competições, pode trazer resultados positivos, como também acabar com a carreira do atleta, tanto como competidor, com a punição, quanto como pessoa, com o nome execrado publicamente. (MALULY, 2001).

Interessante seria para atleta se não houvesse essa exacerbação da notícia antes que laudos finais pudessem ser divulgados. Todavia, na cobertura jornalística, em busca do ‘furo de reportagem’, a toda prova, o repórter deixa de observar se o que está sendo difundido já foi comprovado.

Percebe-se claramente que existem duas entidades reguladoras atuando sobre a vida dos atletas, uma formal e outra informal. Elas circunscrevem uma cadeia de atuação baseada no poder, sendo elas as confederações e a mídia. Nesse ponto é possível melhor compreender o caso a partir das teorias do filósofo francês Michel Foucault, em especial a edificada na obra *Vigiar e Punir*.

Em cada modalidade no Brasil, existe uma série de capilaridades e ramificações que exercem poder sobre os atletas. Exercem poder no controle e na punição, mas também na premiação.

Um mundo paralelo parece ter se materializado no que tange a imprensa esportiva. Além do resultado favorecedor, o atleta deve ser ainda uma espécie de relações públicas. Deverá organizar sua carreira, figurar nas publicações tidas como de ‘celebridades’, controlar suas atitudes de modo que sua imagem seja muito bem preservada. Um grande atleta, que busca o ápice do aperfeiçoamento técnico e fisiológico, sabe que está diariamente sujeito a pressões, e uma delas é a vitória, que deve ser alcançada a todo custo. Para ilustrar brevemente como são conceituadas as idéias de uma atleta de competição, podemos citar o nadador norte americano Michael Phelps, que aconselhou o nadador brasileiro, Cesar Cielo antes da prova final dos 50 m nado livre, no dia 16 de agosto de 2008, em Pequim, conforme site Folha on-line, usando as seguintes palavras: *“Tá vendo isso aqui [medalha]? Foi por um centésimo de segundo. Vai lá e põe a mão na parede. Vale tudo”*

A mídia mostra que é possível fazer sucesso e ela pode ajudar o atleta nesse sentido. Afinal, que atleta contemporâneo, quando criança, não viu seu ídolo esportivo vencer e talvez se tornar a grande influência de sua vida?

Essa relação pode ser teorizada na idéia exposta por Pierre Bourdieu (2006), que considerava que o consumo das práticas esportivas está ligado ao estilo de vida e posição que o indivíduo ocupa no seu espaço de trocas sociais.

Sim! Trocas sociais! A imprensa divulga, o atleta é reconhecido, a confederação se fortalece. Pode-se ir mais longe e acrescentar o fato de que, além da mídia noticiar, o atleta adquirir notoriedade e os órgãos responsáveis ganharem maior espaço devido ao desempenho, o público vê e aceita! Muitas vezes absorvem-se as mensagens jornalísticas como absolutamente irrefutáveis, também sendo essas mensagens dotadas de uma capacidade de se propagar extremamente rápida. Pode-se concluir, assim, que uma simples nota pode tomar proporções gigantescas e formar a opinião de milhões de pessoas.

Quando foi constatada a presença de testosterona nos exames de Rebeca, os jornais evidenciaram bastante o fato. O Jornal O Globo, por exemplo, publicou a seguinte manchete, em 05 de setembro de 2007:

“Exames de Rebeca acusam altos índices de testosterona”

Hoje, sabe-se que houve a dopagem, mas na época isso não era oficial e a notícia foi extremamente impactante na imagem da atleta. Iniciou-se a investigação e antes mesmo de finalizá-la, todos relacionavam as vitórias da nadadora, ao porte físico masculinizado, deduzindo que a dopagem havia mesmo ocorrido.

O aspecto ‘condicionamento’ merece uma explicação especial. Uma pesquisa da USP, orientada pela Prof^a. Luciane Silvia Franco Silva, com praticantes de musculação em academias da cidade de São Paulo revela dados que comprovam as alterações corporais como situações esperadas e desejadas. Dos entrevistados 19% já tomaram anabolizantes, sendo majoritariamente homens entre 25 e 29 anos, praticantes da modalidade há mais de dois anos e motivados essencialmente pela melhoria na aparência. A ‘mega-masculinização’, exibida através da hipertrofia muscular, é, portanto, o resultado almejado.

Logo, observar uma atleta que em dois anos teve sua estrutura corporal violentamente modificada e acaba conquistando marcas desafiadoras, relaciona-se com casos análogos do passado que tiveram ampla divulgação da mídia. É sabido que o indivíduo ‘cresce’ ao utilizar substâncias ilícitas para potencializar seu desempenho. Isso é polêmica. E polêmica é notícia.

O processo de vigiar, executado pelos meios de comunicação, pelas confederações e pelo público acaba colocando o atleta numa encruzilhada, principalmente aqueles que não conseguem resultados extraordinários e também não possuem uma formação psicológica sólida. Este grupo de atletas deseja a vitória e toda a glória que a acompanhará, para tal, dissimula a verdade, aproveita a fama e o sucesso que lhe serão oferecidos.

Obviamente o atleta não atua sozinho quando faz uso do *doping*. Uma rede de profissionais o cerca no próprio clube e esses percebem e até promovem a irregularidade. No caso que estamos analisando isso ocorreu, quando a Dr^a Renata Castro, que havia acompanhado a atleta na coleta do exame antidoping no Pan, ao ser indagada sobre a divergência nas amostras de urina de Rebeca, respondeu as acusações,

ao site do Jornal O Estado de São Paulo, no dia 28 de novembro de 2007, o qual noticiava:

“Médica do caso Rebeca ameaça mudar o rumo da história”, insinuando que outros profissionais poderiam se complicar...

Algo totalmente impensável do ponto de vista ético. O livro *Ética Profissional na Educação Física*, de autoria do Prof. Dr. Heron Beresdorf, em conjunto com uma rica seleção de autores, ressalta que o profissional da Educação Física é também um profissional da saúde e como tal deve portar-se, jamais indicando ou propiciando alternativas que coloque em risco o bem estar dos que estão sob suas orientações. Assim, devem ter ciência de que podem ser um norte de boas práticas e atuantes na formação de um referencial positivo (BERESDORF, 1998). Portanto o corpo que está sujeito ao treinamento do alto nível de rendimento esportivo deveria ser disciplinado para encaixar-se em padrões de saúde, mas não é isso que acontece. O artigo *“Treinar o corpo, dominar a natureza: Notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal”* de Alexandre Vaz aborda a exploração do corpo como uma máquina:

No treinamento para o esporte, o corpo tem de ser visto como um objeto operacionalizável, de forma que as metáforas que o comparam com algum tipo de máquina, antes de procurar facilitar o entendimento de seu mecanismo, confirmam esse desejo de domínio. Essas imagens que o comparam a uma máquina a vapor, a um relógio, ou a qualquer outro tipo de máquina, parecem querer dizer que um corpo pode ser, da mesma forma que uma máquina, posto em ou tirado de funcionamento. Se um corpo pode ser equiparado a uma máquina, é porque também suas peças podem ser substituídas, ou reparadas, caso o funcionamento não esteja a contento. Essa “consciência mecânica do corpo” é fundamental para o desenvolvimento não só do esporte, mas de um pensamento do tipo esportivo. (VAZ, 1999 p.101)

Para Rebeca os resultados foram negativos e começaram a adquirir contornos a partir de sua suspensão: cento e vinte dias sem participar de qualquer tipo de competição de natação. Um real problema emergiu na vida da nadadora. Primeiramente foi foco de notícias elogiando sua atuação, sendo orgulho de uma nação, logo após é tida com ‘drogada’, perdendo o respaldo publicamente e ficando proibida de competir.

Um dos diversos referenciais utilizados na elaboração desse artigo foi a pesquisa do Prof. Alejandro Sosa, intitulada: *O doping como resultado das pressões exercidas sobre os desportistas e sua relação com os vícios*. Em seu estudo, o autor identifica uma série de relações que interferem na decisão que o atleta tem em utilizar ou não a dopagem. Ele diz:

Como sabemos, as pressões são partes importantes na vida de um atleta do alto rendimento, o qual muitas vezes busca superar isso com êxitos, principalmente imediatos. O uso do *doping* aparece como uma alternativa equivocada de soluções mágicas que envolvem não somente o esportista, mas também o que o cerca. Atualmente, quase não há casos de atletas que se dopam por vontade própria. (Sosa, 2001).

Esse foi justamente o próximo episódio no caso de Rebeca Gusmão. Houve grande agitação após a divulgação de divergência entre o DNA das amostras de urina colhidas pelo Comitê Olímpico Internacional (COI), na abertura do Pan. O presidente do Comitê Olímpico Brasileiro (COB), Carlos Arhur Nuzman, acabou entregando o caso a polícia, devido à alteração no exame, o que acabou levando Rebeca a ser indiciada por falsidade ideológica, em janeiro de 2008.

É possível perceber a tamanha influência do jornalismo esportivo: quando um atleta e sua conquista ocupam espaço nos agentes veiculadores de informação, ganhando

fama, patrocinadores e se transformando num ídolo ou também quando realiza algum ato que o posicione fora das regras institucionalizadas, passa a ser perseguido, exposto intimamente, de maneira impiedosa.

O sensacionalismo visa o lucro e, como no dispositivo do ‘exame’ retratado em *Vigiar e Punir*, não considera o indivíduo com suas subjetividades, mas sim, como um caso com tempo limite para ser explorado. Tempo esse que perdura enquanto durar o interesse dos telespectadores, leitores, ouvintes e internautas.

Assim com no Panóptico de Bentham, que serviu de modelo para o projeto idealizado por Foucault para as instituições controladoras, o mundo da fama encarcera aqueles que o representam, esmiuçando suas vidas, expostas como numa vitrine, onde se procura, sobretudo, vigiar tudo o que por eles é feito. Não raro, são os ‘famosos’ que reclamam da falta de privacidade, o que acaba constituindo-se em um paradoxo, pois ao buscar como meta o sucesso, fica inviável não ser alvo de especulações.

Portanto, consegue-se identificar os diversos fatores que foram enunciados por Foucault em *Vigiar e Punir* no decorrer do caso envolvendo a nadadora. Ao ser intimada a depor pela primeira vez, Rebeca compareceu a delegacia vestida de maneira a acentuar seu lado feminino, hábito que não fazia parte de seu estilo habitual. No mesmo dia (28/08/2007), inclusive, em entrevista ao Jornal Folha de São Paulo, ela polemizou:

“Sou única e isso incomoda”

O corpo forte, lembrando o de um homem, era visto e comentado pela opinião pública, então, buscou a atitude de dissimular sua identidade, confundida com o que seria a orientação sexual. Acreditava que seria uma forma de reverter a situação, numa perspectiva auto disciplinadora. Sabendo que até sua sexualidade estava sendo observada, tentou corrigir seu comportamento para enquadrar-se num discurso de heteronormatividade, conforme pode nos explicar os estudos de Deborah Britzman, em seu artigo “O que é esta coisa chamada amor – identidade homossexual, educação e currículo”, publicado na revista Educação e Realidade, em 1996, que fala:

“Por heteronormatividade entende-se a obsessão com a sexualidade normatizante, através de discursos que tratam a homossexualidade como desviante”

É possível exemplificar mais essa questão com a citação do próprio Foucault, acerca dos dispositivos de sexualidade, que para ele representavam práticas discursivas e não discursivas, saberes e poderes, que visam, normatizar, controlar e gerar verdades absolutas sobre o uso dos prazeres físicos:

“... meio pelo qual a sexualidade é produzida e regida, bem como o sexo é disciplinado. Através do termo dispositivo, tento demarcar [...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes termos”.(FOUCAULT, 1996; p.244).

Conforme Foucault (1975), a intenção da sociedade moderna é disciplinar observando de tal maneira, a ponto que, a própria pessoa vigiada, sabendo disso, repudie suas antigas atitudes e estabeleça um novo proceder, pautado no que não é considerado ‘desviado’.

Ao ser punida com a suspensão, a atleta apontou rumo ao ostracismo. O mundo do alto rendimento esportivo é objetivo de muitos, assim, mesmo poucos meses fora de

atividade, podem colocar outra atleta, mais engendrada na concepção da modalidade e de suas regras, no lugar daquela que está cumprindo a penalidade.

O mecanismo relativo às punições fica bem evidenciado nesse contexto, quando o uso dos prazeres é cerceado, buscando-se internalizar o comportamento inadequado (FOUCAULT, 1975).

O exame, sendo parte desse processo, foi realizado não só no momento do *antidoping*, mas no dissecar da vida pessoal da atleta, expondo-a nacional e internacionalmente. É como se a tivessem catalogado num arquivo de maus exemplos, constituindo cientificamente uma atitude que deve ser repreendida, servindo como um modelo. A intenção era deixar claro que, ao menos no esporte, a desonestidade não seria tolerada.

Antes de toda essa polêmica, Rebeca Gusmão já havia sido flagrada no antidoping em 2006. Alegou que possuía síndrome do ovário policístico, doença que causa alterações hormonais. Em 2007, o caso do Pan foi levado à Corte Arbitral de Esportes (CAS) e só em abril de 2008 houve o primeiro julgamento. A defesa justificou que havia contaminação biológica nas amostras, o que impossibilitaria a realização da contraprova. A sessão foi tensa e durou cinco horas. Um novo julgamento aconteceu no fim de julho, também de 2008, declarando oficialmente Rebeca Gusmão culpada por uso de *doping*, caracterizando a atitude como antidesportiva. Agora a suspensão das competições ficou definida por um período de dois anos.

E após esse período, será que mesmo que Rebeca venha a ter conquistas, essas serão valorizadas, considerando que sobre ela sempre pairará o estigma do desempenho manipulado? Quanto a esse questionamento, pode-se apenas hipotetizar. Tomando como base os casos que repercutiram na imprensa acerca de atletas que se envolveram em casos de dopagem, percebe-se que a maioria perdeu a credibilidade anterior. Dos que voltaram a ter prestígio na mídia e na opinião popular, pouquíssimos o conseguiram por adotar uma nova postura, mas sim, por anteriormente já serem grandes ídolos esportivos. Mitos, para os quais o resultado parece não interferir na relação de carisma estabelecida com seus admiradores.

Maradona, por exemplo, mesmo após diversos flagrantes de uso de cocaína, tendo sido internado para desintoxicação por várias vezes, continua idolatrado, mesmo fora dos gramados. Outro exemplo é o do jogador de futebol Romário: o jogador caiu no *doping* e foi constatada a presença de substância proibida em exames. Ele justificou à Confederação Brasileira de Futebol (CBF), que a droga foi encontrada em seu organismo devido ao uso de um xampu para a queda do cabelo. Acabou sendo absolvido!

Conclui-se que a imprensa e seus braços são uma das partes numa rede de relações que se efetivam através do poder, sendo um dos elementos dominantes, e o atleta a parte dominada. Ambos têm uma função específica nessa hierarquia de controle, ambos constroem essa relação.

Rebeca foi vigiada no *antidoping*, também quando ganhou o ouro, quando foi comprovada maior dosagem de hormônio masculino em seu corpo e quando sua identidade sexual foi correlacionada a um perfil de feminilidade pré-definido. Em seguida foi punida com a perda do respeito e a negação de sua trajetória anterior, com as dúvidas e críticas de um país, com o preconceito, com um processo criminal e outro na justiça desportiva, com o prejuízo financeiro devido o abandono dos patrocinadores e, por fim, com o afastamento das competições. Foi e continua sendo examinada, pois não

é mais considerada indivíduo dotado de subjetividades, servindo de estereótipo para quem duvide do alcance dos sistemas de poder.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERESDORF, H. et al. *Ética Profissional na Educação Física*. São Paulo, 1998.
- BOURDIEU, P. *O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Zouk, 2003.
- BRITZMAN, D. O que é esta coisa chamada amor – identidade homossexual, educação e currículo. *Revista Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 21, n.1, p. 71-96, jan-jun, 1996
- FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*. Paris, 1975.
- _____. Da amizade como modo de vida. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento, *Gai Pied*, [S. I.], n.25, p. 38-39, abril, 1981. Disponível em : <http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/amitie.html>. Acesso em 16/08/2008.
- MALULY, L. V. B. *Divulgação científica no esporte: Um debate sobre o doping e a imprensa no Brasil*. Artigo científico disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R0816-1pdf>
- MOREAU, R.L. *Uso de esteróides anabólicos androgênicos por praticantes de musculação de grandes academias da Cidade de São Paulo*, *Revista Brasileira de Ciências Farmaceuticas*, vol 39, n.3, jul/set , 2003
- SOSA, A. *O doping como resultado das pressões exercidas sobre os desportistas e sua relação com os vícios*. Disponível em <http://www.edfdeportes.com>
- VAZ, A. *Treinar o corpo, dominar a natureza: Notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal*, *Caderno CEDES*, ano XIX, nº 48, agosto, 1999.
- Surpresa no caso Rebeca* . **Jornal O Estado do Paraná**, Curitiba, 09/11/2007. Cad. Esportes, p.21.
- Gigante do Pan é suspensa por doping*, **Jornal Folha de São Paulo**, São Paulo, 06/11/2007, Cad. Esporte, seção: na berlinda, p. D3.
- Sou única e isso incomoda*, **Jornal Folha de São Paulo**, São Paulo, 28/08/2007, Cad Esporte, p.D3.
- Site da UOL no Pan 2007, consultado em 18/08/2008
<http://pan.uol.com.br/pan/2007/modalidades/natacao/brasileiros/rebecagusmao.jhtm>
- Site da folha on line, consultado em 18/08/2008
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u434174.shtml>